

tradução  
Bhuvi Libanio

# bell hooks



ensinando **crítico**  
pensamento **prático**

*A existência humana é, porque se fez  
perguntando, a raiz da transformação do  
mundo. Há uma radicalidade na existência,  
que é a radicalidade do ato de perguntar. [...]*

*Radicalmente, a existência humana  
implica assombro, pergunta e risco. E, por tudo  
isso, implica ação, transformação.*

— Paulo Freire e Antonio Faundez,  
*Por uma pedagogia da pergunta*

## **prefácio à edição brasileira**

Paulo Freire e bell hooks: um encontro permanente

Sérgio Haddad

## **introdução: ensino**

**ensinamento 1: o pensamento crítico**

**ensinamento 2: educação democrática**

**ensinamento 3: pedagogia engajada**

**ensinamento 4: descolonização**

**ensinamento 5: integridade**

**ensinamento 6: propósito**

**ensinamento 7: colaboração**

**ensinamento 8: conversação**

**ensinamento 9: contar histórias**

**ensinamento 10: compartilhar histórias**

**ensinamento 11: imaginação**

**ensinamento 12: palestrar ou não**

**ensinamento 13: humor na sala de aula**

**ensinamento 14: hora de chorar**

**ensinamento 15: conflito**

**ensinamento 16: revolução feminista**

**ensinamento 17: negra, mulhere acadêmica**

**ensinamento 18: aprendizado que supera o ódio**

**ensinamento 19: honrar os professores**

**ensinamento 20: professores contra o ensino**

**ensinamento 21: autoestima**

**ensinamento 22: o prazer da leitura**

**ensinamento 23: vida intelectual**

**ensinamento 24: a escrita de livros infantis**

**ensinamento 25: espiritualidade**

**ensinamento 26: o toque**

**ensinamento 27: amar novamente**

**ensinamento 28: transformação feminista**

**ensinamento 29: para além da raça e do gênero**

**ensinamento 30: falar sobre sexo**

**ensinamento 31: ensino, profissão de profeta**

**ensinamento 32: sabedoria prática**

**sobre a autora**

# **prefácio à edição brasileira**

# **Paulo Freire e bell hooks: um encontro permanente**

**Sérgio Haddad**

O primeiro livro de ensaios sobre educação de bell hooks foi publicado em 1994, por insistência da autora junto ao seu editor, que tinha certa resistência sobre o fato de ela enveredar por um caminho diverso da teoria feminista e da crítica cultural, seus temas habituais. A autora não só o convenceu, como *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade* (publicado no Brasil pela Martins Fontes em 2013) acabou se tornando um sucesso. Quase dez anos depois, em 2003, a autora publicou *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, a ser lançado pela Editora Elefante em 2021. Finalmente, *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática* (2010), terceiro livro desta trilogia dedicada ao tema da educação e do ensino, chega agora às livrarias.

Todos os livros refletem sobre a experiência da autora como aluna e como professora, profissão que abraçou junto com a de escritora. Entre suas leituras inspiradoras estão os livros de Paulo Freire, a quem ela dedica especial atenção — não só pelos títulos dos livros mencionados, mas também pelas epígrafes e as inúmeras referências ao educador encontradas nessas três obras.

A história pessoal da autora a levou a refletir sobre seu caminho como estudante, iniciado nas escolas segregadas, onde, junto com seus colegas, pôde encontrar professores dedicados a dar uma boa educação e a ajudar as crianças na formação de uma consciência crítica sobre o universo racista em que viviam. Posteriormente, no ensino médio e na experiência como aluna no curso superior, bell hooks se defrontou com os desconfortos e as resistências vivenciados como pessoa negra em um mundo que anunciava algo novo, mais democrático e igualitário, mas que se apresentava com uma realidade cultural e institucionalizada de hierarquias e preconceitos, baseada nas condições de classe, raça e gênero.

bell hooks conta que foi nos anos 1970, quando frequentava a Universidade Stanford e vivenciou os incômodos propiciados por um ambiente de forte presença masculina branca — onde uma pessoa como ela precisava permanentemente se impor para ser ouvida, ao mesmo tempo que não se sentia representada pelas críticas feministas vindas de grupos de mulheres brancas —, que ela conheceu o pensamento de Freire, que muito a ajudou. Foi com seus escritos, os relatos da sua experiência com educação junto aos camponeses na América Latina e, posteriormente, com a população africana dos países que saíram dos regimes coloniais portugueses, que o educador se tornou uma de suas inspirações no trabalho como professora.

Paulo Freire, educador nascido em 1921, em Recife, e falecido em 1997, em São Paulo, considerado o “patrono da

educação brasileira”, é referência mundial da pedagogia crítica, aquela que não separa a dimensão política da pedagógica no campo da educação.

Entre as suas primeiras experiências como educador, em 1947, passou a trabalhar no Serviço Social da Indústria (Sesi), entidade assistencialista patronal que havia então iniciado suas atividades na capital pernambucana. Como resultado dessa experiência, publicou seus primeiros escritos em um jornal local, no qual realçava o papel dos círculos de cultura — na época chamados de Círculos de Pais e Professores. Trabalhar com grupos era uma forma de fugir do atendimento individual, prática recorrente das ações de um assistencialismo que via apenas no indivíduo, e não na sociedade, as dificuldades e os acertos da existência humana. E foi nesses Círculos de Pais e Professores que Paulo e sua equipe começaram a construção de sua filosofia pedagógica, primeiro com operários, depois com outros grupos sociais urbanos e rurais, como os camponeses de Angicos, no início de 1963, quando realizaram um programa de alfabetização em círculos de cultura que unia o ensino da leitura e da escrita com a análise e a discussão da realidade vivenciada por aquele grupo social, com vistas a ampliar o papel dos camponeses em seus próprios destinos.

A experiência de Angicos, pequeno município no Rio Grande do Norte, alçou Paulo Freire ao Ministério da Educação, convidado pelo governo progressista do presidente João Goulart para realizar um programa de alfabetização que o fez ser conhecido nacionalmente. Em

meio à tarefa, um golpe militar o levou ao exílio em 1964; retornou ao Brasil apenas em 1980, depois de viajar por vários países dos diversos continentes e ser reconhecido mundialmente por suas experiências, ideias e livros.

E o que levou bell hooks a assimilar tão fortemente o seu pensamento? Freire afirmava que o ser humano, diferentemente dos demais seres vivos, seria capaz de aprender e ensinar e, com isso, construir um mundo que fosse de interesse das diversas comunidades, grupos sociais e da sociedade. Nesse sentido, alertava para o papel fundamental de educadores e educadoras no desafio de unir a educação com a construção de um mundo mais justo e democrático.

E como fazer isso? Segundo ele, é através do trabalho que o ser humano é capaz de transformar a natureza para construir bens materiais e culturais necessários à sua vida. Paulo afirmava que tal forma do agir humano no mundo construiu a história da humanidade; por isso, era necessário que cada um fosse responsável e livre para agir conscientemente nesse fazer histórico. A ação humana deveria ser baseada em valores, na ação coletiva, com foco no bem comum da humanidade. Deveria ser baseada também no diálogo construtivo entre as pessoas, de forma horizontal, respeitando cada um em sua diversidade de pensamento e comportamento.

Como produzir um agir e um saber conscientes que permitam fazer com que as populações construam a sua história? Reconhecendo na vida das pessoas, no seu conhecimento e no agir, o ponto de partida e de chegada,

afirmou. Por isso, acreditava que todo processo educativo deveria partir da realidade de cada uma das pessoas envolvidas nesse processo, realidade essa que seria levada ao diálogo com outras pessoas, servindo de base para a análise dos problemas e para a construção de propostas para sua superação. É nesse movimento que se constrói a vida no mundo e a sua história.

Partir da realidade não é só identificar os temas de interesse de cada coletividade, é ir além, saber como elas são vividas, partir da interpretação delas sobre os fatos, que é a base para qualquer processo de diálogo e construção coletiva de conhecimentos por meio dos círculos de cultura.

Essa base filosófica do pensamento freiriano, reconhece bell hooks, lhe deu os fundamentos para pensar o seu papel como educadora. Quando foi questionada se a linguagem machista de Paulo Freire, utilizada nas suas primeiras obras, não interferia em sua admiração por ele, hooks foi enfática ao dizer que o que ele havia oferecido a ela era muito maior do que essa questão, o que não a impediu de fazer a crítica necessária quando lhe foi dada a oportunidade. Isso ocorreu em seu primeiro encontro com o educador, quando ele visitou a Universidade da Califórnia, em Santa Cruz, um momento que marcou a sua vida. Conseguindo entrar no lotado local onde Paulo estava realizando uma palestra, depois de muito lutar por uma vaga que a ela os organizadores não haviam oferecido com medo de que suas críticas ao educador pudessem causar algum desconforto, bell hooks, no entanto, não deixou de dizer o que pensava. Mesmo com o constrangimento dos organizadores, que

tentavam minimizar sua participação, Paulo Freire pediu a palavra e respondeu a todas as questões por ela colocadas, reconhecendo seus limites pessoais sobre os temas levantados e fazendo questão de manter um diálogo construtivo. Essa conversa se estendeu para além do encontro, em uma lanchonete, onde tiveram a oportunidade de dialogar longamente sobre vários temas, concretizando a admiração da autora pelo educador.

Quando Freire foi trabalhar na Guiné-Bissau na década de 1970, seu foco foi a descolonização das mentalidades, da educação e dos sistemas políticos; refazer o sistema educacional a partir dos elementos africanos que estavam na vida das pessoas, oprimidas por uma outra cultura, outra língua, outro conhecimento. A experiência de Freire repercutiu em hooks como orientação fundamental para pensar a maneira como a vida de grande parte da população estadunidense era conduzida.

O livro agora lançado é composto por pequenos textos denominados pela autora de “ensinamentos”, dirigidos a professores e estudantes. E são, em sua grande maioria, reflexões constituídas a partir dos diálogos realizados com professores e estudantes ao longo da prática de bell hooks como educadora. Em muitos dos seus “ensinamentos”, Freire está presente. Vejamos alguns exemplos:

A pedagogia engajada é essencial a qualquer forma de repensar a educação, porque traz a promessa de participação total dos estudantes. A pedagogia engajada estabelece um relacionamento mútuo entre professor e estudantes que alimenta o crescimento de ambas as partes, criando uma atmosfera de confiança e compromisso que sempre está presente quando o aprendizado genuíno acontece. (“Ensino 3: pedagogia engajada”)

A lição mais importante para todas as pessoas, independentemente de raça, classe ou gênero, era aprender o papel da educação como ferramenta de colonização aqui nos Estados Unidos. [...] para os povos originários, para pessoas negras, pardas e amarelas, essa colonização se iniciava com o pressuposto de que nossa história aqui começou com a presença civilizadora do colonizador. (“Ensino 4: descolonização”)

[...] Paulo Freire continua sendo nosso orientador nos esforços progressivos para redefinir a educação como prática da liberdade. Em *Por uma pedagogia da pergunta*, ele nos lembra que, quando nos afastamos dos limites de nossa vida diária individual e entramos em espaços e pontos de vista diversos, devemos sempre estar prontos para “dar respostas honestas” a perguntas que, tipicamente, impedem a compreensão mútua para além da diferença. (“Ensino 7: colaboração”)

Em uma conversa em grupo com Paulo Freire, há mais de trinta anos, eu o ouvi afirmar enfaticamente que “não podemos entrar na luta como objetos para depois nos tornarmos sujeitos”. Essa afirmação ressoou em mim. Ela afirmou a importância de eu me encontrar e ter uma voz. Falar, ser capaz de nomear, era uma forma de reclamar para si a posição de sujeito. (“Ensino 8: conversa”)

Ao nos convidar para examinar criticamente nosso mundo, nossa vida, a sabedoria prática nos mostra que todo aprendizado genuíno exige de nós uma abertura constante, uma disposição de se engajar na invenção e na reinvenção, de forma que possamos descobrir esses espaços de transparência radical onde o conhecimento pode empoderar. O educador Paulo Freire sempre defendeu a ideia de que, ao abordar o conhecimento dessa maneira, desenvolvemos um “comportamento permanentemente crítico”. Aprender a refletir, a expandir nossa visão de modo que possamos enxergar o contexto por inteiro, é um princípio básico da sabedoria prática. (“Ensino 32: sabedoria prática”)

Como podemos ver, estão presentes nos “ensinos” de bell hooks muitos dos elementos aprendidos da sua relação com Freire e no respeito que ela tinha por seu pensamento.

Mas isso não seria suficiente para escrever bons “ensinamentos”; hooks também atuava como professora e essa relação entre a teoria e sua prática cotidiana é o que faz dos seus escritos algo vivo e que chega aos que a leem como experiência histórica.

Depois que lançou o primeiro livro de sua Trilogia do Ensino, em 1994, sua vida mudou, ao acrescentar aos seus temas tradicionais de reflexão e ativismo o tema da educação. No prefácio do segundo livro, *Ensinando comunidade: uma pedagogia da esperança*, a autora comenta o quanto havia se lançado em um diálogo cada vez maior com professores e estudantes das escolas públicas, ensinando em espaços de formação de professores, ouvindo-os sobre o que tinham a dizer. Havia ocupado mais tempo com professores, professoras e estudantes às voltas com a questão do ensino do que o seu tempo usual no Departamento de Educação, em estudos feministas ou afro-estadunidenses. A recepção ao seu primeiro livro refletiu sua experiência como professora, mas principalmente sua paixão pela profissão.

Essa paixão não se limitou ao ensino universitário; se estendeu a outras formas de educação em espaços como igrejas, livrarias, escolas públicas, lugares que permitiram a ela aplicar suas teorias para outras audiências.

hooks lembra dos desafios que teve em estender teorias feministas para além dos círculos acadêmicos e bem formados da sociedade estadunidense, buscando uma audiência inclusiva de não acadêmicos. Para a autora, frente aos retrocessos democráticos e à desvalorização das

conquistas do movimento feminista e das políticas afirmativas, era necessário um movimento de massa, convocando cidadãos e cidadãs em defesa da democracia e do direito das pessoas de serem educadas para trabalhar contra todas as formas de dominação. E aí entra a educação: “A escola não deveria ser um lugar onde os estudantes são doutrinados para apoiar o patriarcado capitalista imperialista supremacista branco, mas sim um lugar onde aprendam a abrir suas mentes e se engajem em estudos rigorosos, e para pensar criticamente”, afirmou.

Apesar das dificuldades, houve conquistas. Nos últimos anos, afirmou bell hooks, educadores e educadoras que se desafiaram a estudar e aprender novas formas de pensar e ensinar para não reforçar sistemas de dominação imperialistas, racistas, machistas, elitistas e de classe têm criado uma pedagogia da esperança, conforme ensinou Paulo Freire. Assim, a luta por esperança significa a denúncia contra todas as formas de abuso. Enquanto as denunciarmos, afirmou, despertamos em nós e nos outros a necessidade e o gosto pela esperança. Como professores e professoras, devemos entrar na sala de aula com esperança, apresentando nosso trabalho como exemplo dessa reflexão e prática.

Retornando ao seu primeiro livro sobre educação, *Ensinando a transgredir*, em um dos capítulos a respeito de Paulo Freire e sua obra, Gloria Watkins ensaia uma entrevista entre ela e bell hooks, sua voz de escritora. Ali, repassam a forma como Freire entrou em sua vida, as críticas à linguagem machista dos seus trabalhos iniciais, a

história do primeiro contato entre eles e muito do que seu pensamento representou para a sua vida.

Freire deu a ela a chave da leitura de mundo baseada na experiência das mulheres negras como processo de educação libertadora. Mirando seus escritos pedagógicos sobre os camponeses no Nordeste do Brasil e a forma como o reconhecimento da sua cultura fazia parte do processo de aprender e ensinar, afirmaria:

Mais que na obra de muitas pensadoras feministas burguesas brancas, na obra de Paulo havia o reconhecimento da subjetividade dos menos privilegiados, dos que têm de carregar a maior parte do peso das forças opressoras [...] Esse ponto de vista confirmava meu desejo de trabalhar a partir de uma compreensão vivida das vidas das mulheres negras pobres.

A importância da práxis e da sua aproximação com a teoria, a importância do aprendizado coletivo entre educadores e educandos, o alerta aos que chegam para o trabalho de ensinar para que atentem sobre o respeito ao conhecimento e à experiência de vida dos que pretendem aprender, a esperança como parte do trabalho do educador e da educadora num mundo que parece conspirar contra qualquer avanço na luta para derrubar os privilégios estruturais das sociedades, o amor pela vida, pela natureza e pelas pessoas, a importância de reconhecer na educação um espaço de ação política e de prática da liberdade, todos são aprendizados de Freire reconhecidos por bell hooks como importantes para seu trabalho como educadora. Descrevendo seu momento de encontro com Paulo Freire, mencionado anteriormente, como um daqueles momentos

mágicos possibilitados pela presença de um grande mestre, ela conclui a entrevista com o seguinte comentário:

[...] as palavras parecem não ser boas o suficiente para evocar tudo o que aprendi com Paulo. Nosso encontro teve aquela qualidade da doçura que continua, que perdura por toda a vida; mesmo que você nunca mais fale com a pessoa, nunca mais lhe veja o rosto, sempre pode voltar, em seu coração, àquele momento em que vocês estiveram juntos e ser renovada — é uma solidariedade profunda.

**Sérgio Haddad** é doutor em educação pela Universidade de São Paulo (USP), professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul (UCS) e pesquisador da ONG Ação Educativa. É autor de *O educador: um perfil de Paulo Freire* (Todavia, 2019).

# **ensinamento 11**

## **imaginação**

Professores raramente conversam sobre o papel desempenhado pela imaginação na criação e manutenção de uma sala de aula engajada. Uma vez que grande parte do trabalho do curso é o compartilhamento de fatos e informações, é fácil desconsiderar o papel da imaginação. Ainda assim, o que não podemos imaginar não pode vir a ser. Precisamos de imaginação para iluminar aqueles espaços que não são preenchidos por dados, fatos e informação comprovada. Em *Learning Redefined* [O aprendizado redefinido], Dennis Rader argumenta que educadores devem rever suas ideias sobre o aprendizado, e que é vital entendermos que cultivar a imaginação depende de iniciativa. Ele chama atenção para educadores que nos fazem lembrar que fatos são ativados pela imaginação. E cita George David Miller, que compartilha essa ideia em seu trabalho *Negotiating Toward Truth: The Extinction of Teachers and Students* [Negociação para a verdade: a extinção de professores e estudantes]:

Educadores que valorizam a imaginação têm poucas dificuldades para afirmar a criatividade e o dinamismo. A imaginação nos direciona para além da rotina e de possibilidades estáticas. Mas, mais do que nos empurrar na direção de possibilidades, a imaginação sintetiza. Ela conecta as coisas que antes estavam desconectadas. Sínteses são atos criativos. Representam a criação ou o nascimento de novos caminhos, novas possibilidades, novas esperanças e novos sonhos.

Ainda assim, pouca atenção é dada à imaginação.

A escritora Toni Morrison visitou uma escola para crianças com altas habilidades e, apesar de perceber que eram extremamente avançadas tecnologicamente — sabiam tudo sobre computadores —, ela descobriu, ao conversar com os estudantes, que lhes faltava imaginação. De modo geral, em nossa cultura, o tempo que se gasta assistindo à televisão parece impedir o processo criativo. Vivemos em um mundo em que crianças pequenas são incentivadas a imaginar, desenhar, pintar quadros, criar amigos imaginários, novas identidades, ir para onde quer que a mente os leve. Então, à medida que a criança cresce, a imaginação é vista como perigosa, uma força que possivelmente impediria a aquisição de conhecimento. Quanto mais alto uma pessoa sobe na escada do aprendizado, mais pedem que ela se esqueça da imaginação (a menos que tenha escolhido um caminho de criatividade, estudo das artes, produção de filmes etc.) e se concentre na informação que realmente importa. J. B. Priestley argumenta:

Devido ao fato de a maioria das crianças ser altamente imaginativa, algumas pessoas supõem que, para alcançar a maturidade, devemos deixar a imaginação para trás, como deixamos o hábito de besuntar o rosto com chocolate. Mas o adulto em quem a imaginação secou é patético e desequilibrado, correndo o risco de se tornar um zumbi ou um assassino.

Na cultura do dominador, matar a imaginação serve como meio de reprimir e conter todo mundo dentro dos limites do *status quo*.

Quando escuto estudantes falando sobre a miríade de maneiras pelas quais se sentem diminuídos por professores

que se recusam a reconhecer sua presença ou a lhes dispensar o básico da gentileza em sala de aula, fico sempre impressionada com nosso poder, como professores, de ajudar ou machucar nossos estudantes, de fortalecer seu espírito ou quebrá-lo. Todos os movimentos por justiça social (antirracismo, feminismo, direitos dos homossexuais) insistiram no reconhecimento de que o pessoal é político. Na atual crítica à cultura do dominador, pensadores e/ou ativistas dedicados a transformar a sociedade de forma que todas as pessoas possam ter igual acesso aos direitos humanos básicos têm chamado atenção para a “colonização” da mente e da imaginação. Eles têm enfatizado os vários modos pelos quais indivíduos de grupos oprimidos e/ou explorados foram socializados para nutrir o auto-ódio e, como consequência, não puderam começar a crescer e se tornar cidadãos responsáveis sem primeiro passar por uma mudança de consciência. Essa mudança, em geral, exige que se aprenda a pensar fora da caixa. A fim de pensar fora da caixa, é necessário mobilizar a imaginação de formas novas e diferentes.

A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência. Frequentemente, crianças sobrevivem a abusos imaginando um mundo em que encontrarão segurança. Em meio à cultura de supremacia branca, pessoas negras começaram o movimento *black is beautiful* [negro é lindo] para resistir ao contínuo ataque perpetrado por representações negativas da negritude. Sem

habilidade para imaginar, pessoas permanecem presas, incapazes de se mover para um lugar de poder e possibilidade. Apesar de Rosamund Stone Zander e Benjamin Zander não usarem a palavra “imaginação” com frequência no livro *A arte da possibilidade: como usar a criatividade na vida pessoal e profissional*, as pedagogias engajadas e expansivas que descrevem só podem acontecer quando desencadeadas pela imaginação criativa. Na introdução, “Iniciando a jornada”, eles argumentam:

Nossa premissa é que muitas das circunstâncias que parecem nos bloquear na vida cotidiana talvez só pareçam fazê-lo com base em um modelo de pressupostos que carregamos conosco. Estabeleça uma estrutura diferente ao redor do mesmo conjunto de circunstâncias e novos caminhos surgirão [...]. Mudanças revolucionárias nas estruturas operacionais de nosso mundo parecem pedir novas definições de quem somos e para que estamos aqui.

Em essência, os autores estão falando sobre “pensar fora da caixa”. Sem preocupações urgentes com a própria sobrevivência, continuam, “a pessoa se mantém no grandioso espaço da possibilidade, em postura de abertura, com imaginação irrestrita sobre o que pode vir a ser”. Quando um professor libera a imaginação irrestrita em sala de aula, o espaço para um aprendizado transformador se expande. Trazemos imaginação para o nosso trabalho ao pensar em formas novas e diferentes de envolver um grupo específico de estudantes para o qual lecionamos em dado momento. Quando ensino literatura afro-estadunidense e proponho aos estudantes a atividade de sair por aí, ler a poesia de Langston Hughes para estranhos e em seguida escrever sobre impressões e reações, imagino que, ao

recitar e/ou ler um poema em voz alta e testemunhar o impacto que ele tem no ouvinte, eles terão uma experiência diferente da leitura silenciosa no espaço seguro de cômodos privados ou de bibliotecas.

Não importa o assunto que eu esteja ensinando, sempre uso a produção e a leitura de parágrafos escritos espontaneamente para ativar nossa imaginação coletiva na sala de aula. Quando estamos livres para deixar a mente vagar, é muito mais provável que a nossa imaginação proporcione a energia criativa que nos levará a um novo pensamento e a formas mais envolventes de saber.